

A ARTE DO BORDADO DENTRO DA PERSPECTIVA DA CLÍNICA DE AFETOS

The art of embroidery in the perspective of Affections Clinic

Christine Gryscek¹

Bárbara Elisabeth Neubarth²

Artigo encaminhado: 18/06/2020
Aceito para publicação: 05/11/2020

RESUMO: O trabalho aqui apresentado parte do acompanhamento a um grupo de mulheres atendidas em um serviço de reabilitação psicossocial do Sistema Único de Saúde (SUS) em Porto Alegre/ RS. É na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, um espaço que se inscreve como uma *Clinica de Afetos*, baseada nos preceitos da Dra. Nise da Silveira que se dá tal prática. *As Bordadeiras de São Pedro*, - grupo composto por mulheres com a faixa etária entre 40 e 60 anos que se reúne desde 2011 – desenvolvem seu processo artístico, em uma prática terapêutica, um exercício de autonomia e cidadania e de fortalecimento de trabalhos em equipe. Cada bordadeira contribui de forma criativa e dinâmica para com o processo realizado nas manhãs de segundas e quintas-feiras. Nesta reflexão focaremos em três bordadeiras negras e nas séries de trabalhos bordados que vem fazendo, que aparecem como uma boa revelação da potência do *fazer-refletir*, bem como um constante processo de subjetivação.

Palavras-chave: Oficinas terapêuticas. Reabilitação Psicossocial. Trauma histórico.

ABSTRACT: The work presented here is part of the follow-up of a group of women assisted in a psychosocial rehabilitation service of the Unified Health System (SUS) in Porto Alegre / RS. It is in the Creativity Workshop of Psychiatric Hospital São Pedro, a space that is registered as a Clinic of Affections, based on

¹ Psicóloga (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), escritora e artista visual. Mestranda em Psicologia Social e Institucional (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e em Escrita Criativa – Letras (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). christinegryscek@gmail.com

² Doutora em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), na linha de pesquisa Arte, Cultura, Educação e Psicanálise (2008): Mestre em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Bacharel e licenciada em Psicologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica (Centro de Estudos Luis Guedes/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul) Psicóloga da Secretaria de Estado da Saúde (RS), no Hospital Psiquiátrico São Pedro, exercendo atividades na Oficina de Criatividade, na coordenação do Serviço de Psicologia e como supervisora da área de artes da Residência em Saúde Mental Coletiva/ Escola de Saúde Pública. Tem experiência em artes, psicanálise e reabilitação psicossocial. barbaraneubarth@gmail.com

the precepts of Dr. Nise da Silveira that such practice occurs. The São Pedro Bordadeiras (Embroiderers), - a group composed of women aged between 40 and 60 years who have been together since 2011 - develop their artistic process, in a therapeutic practice, as an exercise of autonomy and citizenship and of strengthening teamwork. Each embroiderer contributes in a creative and dynamic way to the process carried out on Monday's and Thursday's mornings. In this reflection, we will focus on three afro descendent embroiderers and the series of embroidered works that they have been doing, which appear as a good revelation of the power of reflect-making, as well as a constant process of subjectification. **Keywords:** Therapeutic workshops. Psychosocial rehabilitation. Historic trauma.

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar em oficinas terapêuticas na área da saúde mental, realizando ações de promoção de saúde, proteção e reabilitação é um exercício que visa à expressão, a emancipação e a preservação da autonomia dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Já na década de 1940, a psiquiatra Nise da Silveira, ao explorar a complexidade da condição humana de moradores do Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, sua postura - prática e política – é contrária a supremacia da visão organicista então vigente. Suas propostas de tratamento são bem definidas. Em primeiro lugar ele (o tratamento em oficinas) não deve ser visto como método subalterno, destinado apenas a *distrair* ou contribuir para a economia hospitalar. Ao contrário, utilizado como método com intenção psicoterápica, é de grande utilidade em equipamentos públicos em que é comum a superlotação e a grande demanda reprimida. Além disso, afirma Nise, a expressão plástica possibilita outra leitura do sujeito portador de sofrimento psíquico, de seu mundo às margens das abordagens lógico-discursivas. Para tanto, estabelece conexões entre as imagens elaboradas, a situação emocional e a expressão corporal vivida. Cabendo ao terapeuta captar as tentativas de comunicação do sujeito (SILVEIRA, 1982, 1992).

No entendimento de Weinreb (2012) a proposta de Nise da Silveira se vale de recursos terapêuticos humanistas, ao lidar com pessoas em sofrimento psíquico, num passo a passo por caminhos labirínticos em que não existem regras nem roteiros.

Em depoimento no filme *Imagens do Inconsciente*, dirigido por Leon Hirzman, Fernando Diniz, artista e morador do Hospital do Engenho de Dentro, reflete sobre a sua participação nas oficinas. São suas palavras: “Mudei para o

mundo das imagens. Mudou a alma para a outra coisa. As imagens tomam a alma da pessoa” (MELO,2010). Nise da Silveira trabalha em um “mundo de imagens”. São imagens impactantes que permitem evocar uma espécie de *autorretrato* em que é possível observar vestígios dos processos psíquicos: o sinistro e sua falência. Seu método, nada convencional, desafia os tratamentos vigentes e excludentes sendo entendido inicialmente como um *não-tratamento* (SILVEIRA, 1982, 1992).

Nem na teoria, nem na prática, nosso plano de trabalho encontrou ressonância favorável. Nossa orientação quebrava velhos preconceitos, e era demasiado ambiciosa, pretendendo que a terapêutica ocupacional fosse aceita, se corretamente receitada, de acordo com a realidade pessoal de cada doente, como um legítimo método terapêutico e não apenas como uma prática auxiliar e subalterna. (SILVEIRA, 1987, p. 55)

De tratamento periférico, muitas vezes marginalizado, aos poucos a potência do trabalho de Nise, seu nome e seu legado se legitimam ganhando força junto as propostas do SUS, se formalizando como “um campo de saberes e práticas (...) um novo enfoque à utilização da atividade no espaço psiquiátrico.” (SOARES; REINALDO, 2010, p.393).

A partir do movimento da Reforma Psiquiátrica, que visa o rompimento com a abordagem excludente/ manicomial), e da regulamentação de leis e portarias, a atenção à saúde mental passa a ser organizada de modo a promover a reabilitação psicossocial (proposta em muitos pontos convergentes com a proposição da Dr^a. Nise). Para o italiano Franco Basaglia (1979) ao cuidar de uma pessoa que se encontra doente, atentando aos muitos aspectos de sua vida, em sua concretude, em suas experiências, em seu sofrimento, se pode falar em tratamento humanizado. Um tratamento que coloca a doença entre parênteses e valoriza o sujeito em sua integralidade. Desta maneira, em um trabalho integrado é possível optar entre inúmeras modalidades de oficinas a partir de construir um plano terapêutico singular. Um plano que valorize e inclua na terapêutica as oficinas de geração de renda ou propostas com base em atividades da vida diária (AVD) ou oficinas com características expressivas. Dispositivos de cuidado na rede de serviços do SUS regulamentadas através da portaria nº 189/1991. Nesta portaria, as oficinas são descritas como:

atividades em grupo realizadas em serviços extra-hospitalares, com a função de socialização, expressão e inserção social. Coordenadas por um ou mais profissionais têm a finalidade de integração social e

familiar, a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de atividades produtivas e o exercício coletivo da cidadania (BRASIL, 1991).

Soares e Reinaldo (2010) afirmam que a potência das oficinas terapêuticas se encontra em sua produção subjetiva capaz de transformar a relação, historicamente construída e propalada, entre a loucura e a sociedade. Favorecendo a convivência e a comunicação com o outro, em um processo contínuo de exercício da cidadania e de (re) inserção social, no espaço-dispositivo oficina existe um acompanhamento da evolução dos casos clínicos, observando e almejando promover a saúde mental através das manifestações expressivas em alternativas que transpassem pela via do sensível, em que atitudes cordiais e positivas são essenciais para criar vínculos e promover uma clínica que acolha e potencialize singularidades (PADUA; MORAIS, 2010). Neste sentido, cada encontro dado no imprevisto pode ser um dispositivo que proporciona aprendizagem, produção, ampliação das relações e conhecimento de um universo cultural, permitindo ao usuário sair da imposição do que é massificado em sua rotina (MENDONÇA, 2005). Para tanto, segundo Rauter (1997), se a clínica aspira produzir mutações no campo da subjetividade, deve aproximar-se da arte, talvez deva mesmo tornar-se arte.

Neste texto, vamos nos ater a um recorte de oficinas terapêuticas com base em atividades expressivas através de costuras e bordados, recorte confeccionado pela relação clínica e terapêutica durante os anos de 2015 e 2016.

2 OFICINA DE CRIATIVIDADE

Dentro dessa perspectiva, e ainda antes da promulgação da portaria nº 189/1991 instituiu-se, em 1990, a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre/ RS e seu Acervo. Espaço da rede de saúde e cultura, em que se incentiva a produção criativa através de práticas artísticas. Considerando a multiplicidade de linguagens – pintura, desenho, modelagem, produção textual, bordado, teatro, música, dança - há lugar no contexto oficina para manifestações artísticas singulares (NEUBARTH, 2009).

Entendendo a prática da Dr.^a Nise da Silveira (1992), como uma prática que valoriza o processo, sendo o produto uma consequência possível de ser

alcançada, mas não necessária, a Oficina de Criatividade propõe uma aproximação do modelo prático-clínico de Nise com uma práxis cartográfica. Um campo aberto para a intervenção que implica em produzir diferenças na forma como entendemos o fazer, realocando-o para uma posição de mobilização, que lida com trajetos e devires e não mais com objetos (FONSECA, COSTA, 2013). Pautada em Deleuze e Guattari (1995) tem com um dos princípios o rizoma, que vai se ramificando em muitas direções e crescendo de acordo com as conexões que realiza, ligando um ponto qualquer a outro, a partir do meio, entre as coisas, produzindo novos e múltiplos agenciamentos (ZAMBENEDETTI E SILVA, 2011).

Assim, a intervenção cartográfica busca a experimentação, torna-se um mapa em constante processo de produção de novas leituras do real e, provocadora de quebras de paradigmas anteriormente estabelecidos nos territórios visitados. Cartografar, então, implica em acompanhar um processo, tomar algo em produção e transformação (ZAMBENEDETTI e SILVA, 2011). Segundo FONSECA (2007):

O plano de pesquisa, que estendido aos nossos pés faz a função tanto de solo como de mar, pode, ainda, ser comparado a um tear, que, ao mesmo tempo em que produz conexões e composições, também se descobre ele próprio como limitado em suas possibilidades de realização, o que impulsiona a produção não em direção a uma linha reta estendida ao horizonte relativo a cada um de seus habitantes, horizonte no qual se situaria um alvo-final, plausível, pensável, finito. Produzido e produtor, o tear transforma-se em superfície na qual são relançadas as produções à medida que são tecidas, realizando-se, dessa forma, operações de embaralhamentos de tempos e sobreposições de formas e elementos que adensam as composições e as paisagens que se desenham (p.21).

A Oficina de Criatividade é pois este campo para a práxis cartográfica, em que conexões e composições estão sempre se descobrindo, se recriando, se transformando, um ambiente onde se faz possível articular as teorias de Nise, dos pós-estruturalistas e dos compêndios sobre saúde mental desde uma vertente baseada em princípios da Reforma Psiquiátrica, com um trabalho amplamente sensível, onde o que é considerado é o processo, são as composições, são as relações afetivas, em um fazer clínico que atua em caráter ético-estético.

Praticando uma clínica de afetos, assim como proposto por Silveira (1992), as atividades desenvolvidas fazem parte de um projeto terapêutico formulado entre o frequentador e o seu monitor de referência. E é visível de

observar que o espaço Oficina de Criatividade (HPSP) serve como proteção e suporte; promovendo a melhora das relações dos usuários com sua rede (familiar e social); valorizando o fortalecendo do usuário e tomando como base uma proposta de reabilitação psicossocial. Nesse tratamento o sujeito pode vir a se inventar. A ênfase não está no que foi criado e sim na possibilidade de criação. Com a utilização das atividades expressivas se busca um possível sentido, um sentido como direção. Dessa forma é possível ponderar que a expressão artística auxilia na reorganização da pessoa, servindo como ponte entre o interior cheio de emoções, por vezes conflitantes, e a realidade externa. E isto se dá estimulando a autonomia e o avanço nos seus relacionamentos interpessoais sociais, de acordo com suas possibilidades adaptativas atuais (NEUBARTH, 2009).

O Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira/ Oficina de Criatividade do HPSP disponibiliza atividades de: arte terapia, oficinas de desenho, modelagem, bordados, pintura, escrita, teatro, música. Reunidos por faixa etária, da infância a velhice, eles podem ser atendidos de forma individual ou em grupos, em diferentes dias da semana. Os frequentadores da Oficina são oriundos das áreas de moradia ou das áreas hospitalares, do ambulatório e/ou da rede de serviços de saúde, através do matriciamento (NEUBARTH, 2009).

Cotidianamente, na oficina, é percebida a apropriação de um espírito de inovação clínica, tanto por parte da equipe, quanto por parte dos usuários. Esta abordagem é característica a oficinas em que os usuários não se adaptam, simplesmente, aos protocolos clínicos tradicionais já existentes. Ou seja, cada oficina é singular e disparadora de espontaneidades. Como afirmam Pádua e Moraes (2010) um lugar oficina é, antes de mais nada, um onde em que se permite uma vivência libertária.

3 BORDADEIRAS DE SÃO PEDRO

Em um canto restrito, dentro do espaço maior da Oficina de Criatividade, está a sala do bordado/costura. Um lugar em que linhas, tecidos e máquinas servem de base para panos bordados. As Bordadeiras de São Pedro, grupo de aproximadamente seis mulheres, na faixa etária entre 40 e 60 anos. A princípio,

a constituição do grupo é resultado do encaminhamento direto das usuárias do SUS pelos profissionais do ambulatório especializado em saúde mental do Hospital Psiquiátrico São Pedro para a Oficina de Criatividade. Então, as seis mulheres que se encontram todas as manhãs de quinta-feira na sala da oficina organizada para a realização de atividades têxteis, recebem acompanhamento médico, psicológico e psiquiátrico de profissionais que prestam serviços na rede pública de saúde de Porto Alegre, especificamente no São Pedro. Cabe colocar que as Bordadeiras foi fomentado principalmente por uma dinâmica de afeto, ou seja, elas são extremamente entrosadas e hoje são amigas. E que em princípio não era necessário ter experiência prévia de costura / bordado para que pudessem pertencer ao grupo. Todo o conhecimento das técnicas, dos arremates e dos acabamentos, sempre é passado das que tem já percurso e habilidade têxtil para as que ainda estão em descoberta. O bordado é o ponto encontrado para um trabalho de reabilitação psicossocial, para um trabalho estético, e para um laço afetivo além oficina.

Assim, aos poucos, vão se construindo os panos bordados, ao mesmo tempo, que uma rede de afetos, histórias e causos peculiares vai sendo tecida. Ao tecerem esta rede, no vai e vem das linhas no pano, tecem também um ponto de ancoragem. As mulheres deste grupo encontram, na construção desta trama, apoio para seus problemas pessoais. Elas bordam enquanto criam estratégias de enfrentamento para seus problemas da vida diária. É frequente que se ouça entre elas a referência ao benefício que tais encontros representam.

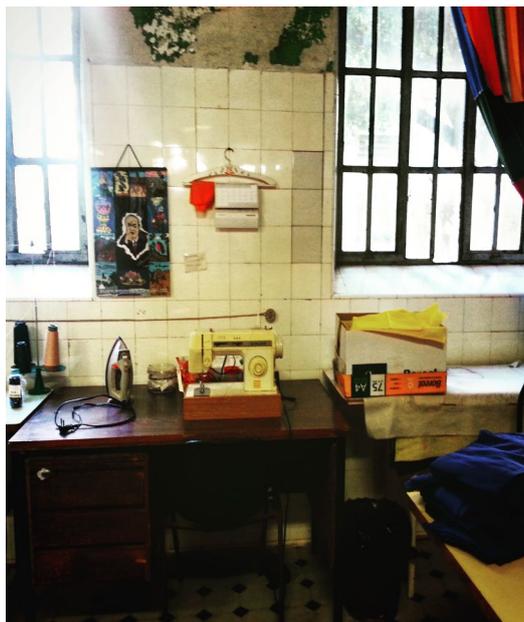


Figura 1 Oficina de Bordado

Esse aproximar é muito associativo com a criação de vínculos, mas também ao ponto de encontro cultural das três frequentadoras mais assíduas. As três tem um passado ancestral em comum, e dividem tristemente relatos e histórias de opressão e racismo. São mulheres negras com suas trajetórias marcadas por momentos intensos de violência racial e de gênero. É um ponto de associação que convoca a resistência, que convoca um fazer bordado pensando em suas diferenças e valorizando um caminhar de uma raça que sempre foi violentada. São muitas as conversas que trazem o caráter de opressão, subjugação e angústias emocionais devido à um plano coletivo *macropolítico* que propaga o racismo continuamente. Este racismo que também está em atitudes cotidianas, em processos *micropolíticos*. O fazer na oficina, então, envolve essa escuta e uma tentativa de promoção de um bordado de resistência, um bordado que para além do conteúdo estético transmute o sofrimento psíquico em uma arte simbólica que expõe um interessante processo de subjetivação, mesmo com inúmeros atravessamentos sociais e psíquicos.

Uma artista inspiradora para o grupo é a paulista Rosana Paulino. Artista visual e têxtil, utiliza linhas, agulhas e tecidos (dentre tantos outros materiais), que se tornam instrumentos de denúncia (BAMONTE, 2008). Para Paulino:



Figura 2 Bastidores, 2007, Rosana Paulino

Linhas que modificam o sentido, costurando novos significados, transformando um objeto banal, ridículo, alterando-o, tornando-o um elemento de violência, de repressão. O fio que torce, puxa, modifica o formato do rosto, produzindo bocas que não gritam, dando nós na garganta. Olhos costurados, fechados para o mundo e, principalmente, para a condição no mundo (Bamonte apud Paulino 2008, p. 295).

A costura e o bordado são utilizados como técnica e formas de registro e buscam encontrar maneiras de comunicar-se e trabalhar a memória. Um dos mitos que representa a tessitura é o de Aracne, em seu trabalho silencioso é associado à impossibilidade de comunicação, aos fios que envolvem a mulher, calando-a e paralisando-a. Este fio que a aranha tira de dentro de si para tecer sua teia, pode denunciar, pois que fica exposto. Assim, é no bastidor que podemos ver a atitude silenciosa feminina ou a que expressa agressão. A linha que fura a imagem, é a que cria a obra.

As memórias, as vivências, e o que é aprendido no espaço doméstico são marcas inegáveis do trabalho de Paulino (BEVILACQUA,2018). Mas a artista não expõe apenas aspectos de si mesma, antes, questões de ordem coletiva são colocadas em primazia em sua obra (BEVILACQUA,2018); a sua trajetória artística tem se consolidado em uma base reflexiva e política a respeito da invisibilidade e o não reconhecimento das mulheres negras. Porque para ela a arte deve ser utilizada enquanto reflexão sobre sua condição no mundo: questões de origem, de raça e de gênero (BAMONTE, 2008).

4 BORDANDO LINHAS de VIDAS



Figura Parede da memória, 1994 / 2015, Rosana Paulino

Em *É preciso saber inventar as coisas* (GRYSCHER e NEUBARTH, 2018), é apresentada uma das mulheres do grupo das Bordadeiras de São Pedro, bem como sua confecção de bonecas que impressiona pela variedade e riqueza de detalhes. Para a artista, cada boneca bordada em diferentes tecidos coloridos representa a história de alguma personagem verídica ou imaginada, cumprindo a função de representatividade social. A feitura do trabalho manual é sempre elaborada a partir de suas vivências e seu imaginário, sempre a partir de impressões e associações da artista sobre reportagens e programas de televisão, textos de revista, ou mesmo sobre pessoas que cruzam o seu caminho. Em um importante trabalho subjetivo, a bordadeira estabelece narrativas enquanto constrói as personagens negras, enquanto borda explica quem são aquelas personagens, bem como também traz seus episódios. Assim, as bonecas acabam por ilustrar que a artista é uma grande narradora de histórias de vida. Ela, como Conceição Evaristo, do tempo/espaço aprendeu a colher palavras, cresceu possuída pela oralidade, onde tudo era motivo de prosa-poesia (EVARISTO, 2006). E em cada ponto-prosa-poesia conta os antes, os durante e os depois; assim conta enquanto borda, conta também após o bordar. Para a artista, então, estar nos encontros de bordado “é muito bom, pois os pontos ajudam a pensar em ideias e resoluções”. Pragmática, ela busca encontrar soluções para as questões financeiras que presencia, ajudando sempre sua família e amigos. E se a perda de um emprego a levou a procurar ajuda num serviço ambulatorial de saúde mental, seu vínculo e assídua

participação no grupo de bordado a deixaram, segundo suas palavras: “mais tranquila e disposta a ajudar”. Ela associa sua capacidade de intervenção positiva nos desafios cotidianos à sua frequência no grupo. O que é corroborado pela equipe do ambulatório: a participação nos grupos é acompanhada da remissão dos seus sintomas, segundo os profissionais.

Sem experiência anterior com o bordado, mas operando com muita dedicação e destreza, almejando pontos e composição muito bem alinhados e precisos, há outra interessante artista bordadeira. Ela tem buscado se expressar pela escrita, em diálogo com textos do escritor brasileiro Jorge Amado. Interessada por sociologia (e formada na área), gosta de encontrar nos livros do autor aspectos sociológicos vinculados a negritude, tais como arte e religião. Com pontos bordados compõe letra por letra, palavra por palavra, retiradas das páginas do livro *Tenda dos milagres* (1969), acrescidas de símbolos sagrados, antes muito bem estudados em sua semiose. Toda a composição do painel têxtil-literário está implicada em uma elaboração pessoal e política. Pois seu desejo em seu trabalho criativo, é expressar não somente a sua dor ou a sua história de vida, marcada pela incompreensão e racismo, mas antes é tentar expressar a força e o sofrimento de seus antepassados e de grande parte da população brasileira, marcada por muitas formas de violência e genocídio. Seu desejo é bordar marcando resistência sobre o trauma histórico, em um fazer ético-estético.

Ao confeccionar as bonecas *abayomi*, a terceira artista nos conta da origem ancestral das peças. Conta que as primeiras bonecas *abayomi* foram feitas a partir dos tecidos rasgados das barras das saias das mulheres africanas escravizadas, feitas por mães, feitas intencionando que as crianças ficassem um pouco mais tranquilas durante as violentas rotas dos navios conhecidos como “negreiros”. Conta que é um símbolo de resistência, e que as bonecas também eram como amuletos de proteção. Ao fazer a confecção, a artista nos mostra como é simples a feitura do trabalho: feitas com retalhos (na oficina temos muitos retalhos de diversas cores), as bonecas são feitas apenas com pequenos nós, em um tamanho de aproximadamente quatro centímetros. O trabalho com as *abayomi* é uma série na qual a artista tem se demorado, fazendo muitas peças e as articulando em diferentes cenários (de tecido) configurados. É notável a

leveza e a espontaneidade em seu rosto e em suas mãos desde que começou essa nova série. Antes, suas costuras e seus moldes eram muito mais rígidos e preciosistas. Com uma arte que dialoga com sua ancestralidade, a bordadeira encontrou mais satisfação e mais plenitude, tanto nos encontros com o grupo, quanto em seu dia a dia.

Notamos e apresentamos a partir desses relatos, que a rede assim construída, no vai e vem das linhas no pano, serve como ponto de ancoragem para as frequentadoras. As mulheres deste grupo encontram, na construção desta trama, apoio para seus traumas, históricos e pessoais. É muito escutado entre elas a referência ao benefício que tais encontros representam. E além da questão do suporte terapêutico e da clínica política e de afetos, também estamos trabalhando com a economia solidária. Os projetos agora pensados e elaborados em equipe estão sendo expostos e vendidos em feiras e por encomenda. Com o lucro das vendas, o dinheiro que vem sendo guardado tem como destino a compra de uma nova máquina de costura, visando a melhora e o aperfeiçoamento da produção artesanal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das funções mais poderosas da arte- descoberta da psicologia moderna- é a revelação do inconsciente, e este é misterioso. As imagens do inconsciente são uma linguagem simbólica que pode ou não ser decifrada. Cabe ao terapeuta tentar dialogar com as imagens, observar os sinais do corpo, interessar-se pelas histórias de vida, e refletir sobre questões culturais ressoadas em cada um dos usuários. Todos estes importantes indicadores quando se busca trabalhar na saúde mental. Diante do trabalho artístico, saber quem fez? por que fez? como fez? pode ajudar a compreender os diversos símbolos culturais. Ao conhecer as histórias de vida temos a rica oportunidade de ter uma escuta interessada, dialógica.

Em nosso caso é tocante ver a força do desejo que move estas mulheres em direção ao espaço-oficina, onde buscam dentro de si um mundo de imagens. Interessante também é acompanhar seu processo de autonomia e reabilitação psicossocial. Para tanto é preciso além de tudo possibilitar matérias e escolhas, e lugar para as diferentes formas de comunicação artísticas.

As Bordadeiras de São Pedro, para além de grupo terapêutico e artístico, está inscrito em redes interpessoais, onde são trazidas questões micropolíticas e macropolíticas (conversas sobre questões de raça, classe, gênero). Assim, em um funcionamento dinâmico se fazem trocas baseadas numa *Clínica de Afetos*.

A construção deste texto foi se atualizando na reflexão sobre o processo do fazer na Oficina. Os exemplos aqui apresentados são frutos de uma escuta que a cada dia se torna mais necessária, pois que é plural. As diferentes formas com que cada uma se coloca diante de nós – terapeutas – ou diante das outras frequentadoras do grupo ou do próprio trabalho, estão aí a nos ensinar. As questões apresentadas nos exemplos das três bordadeiras, a forma e a força com que cada uma delas vive nos coloca diante de um tema urgente. Nos trabalhos bordados, as artistas expressam questões ancestrais e a resistência cotidiana. É preciso, cada vez mais, que se fomente a luta antirracista. E, embora de maneira ainda tímida, ao falar em bordados esperamos contribuir com pontos em que as linhas possam fluir em formas cada vez menos constrictas. Pois estamos sempre recomeçando a desembaralhar linhas e a desatar nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASAGLIA, Franco. *A psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática*. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1979.

BAMONTE, Joedy Luciana Barros Marins. *A Identidade da Mulher Negra na Obra de Rosana Paulino: Considerações sobre o Retrato e a Formação da Arte Brasileira*. In: 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. *Rosana Paulino: a costura da memória (catálogo)*. Curadoria Valéria Piccoli, Pedro Nery; textos Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma -- São Paulo : Pinacoteca de São Paulo, 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Portaria Nº 189 de 19 de novembro de 1991*. Aprova a inclusão de Grupos e Procedimentos da Tabela do SIH-SUS, na área de Saúde Mental (Hospitais Psiquiátricos). Diário Oficial da União 1994; 30 jan.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. Trabalho apresentado no IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Salvador, 13 a 16 de setembro de 2006.

FONSECA, Tania Mara Galli e COSTA, Luis Artur. *As durações do devir: como construir objetos-problema com a cartografia*. Fractal, Rev. Psicol. [online]. 2013, vol.25, n.2 [citado 2015-10-05], pp. 415-431.

FONSECA, Tania Mara Galli. *Rizomas da reforma psiquiátrica: a difícil reconciliação* / Tania Mara Galli Fonseca, Selda Engelman, Cláudia Maria Perrone. – Porto Alegre: Sulina / UFRGS, 2007.

GRYSCHEK, Christine e NEUBARTH, Barbara E. *É preciso saber inventar as coisas*. In: *Imagens do Fora: um arquivo da loucura*. (Org. FONSECA, Tania Mara Galli), Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 165-171.

MELO, Walter. *Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte*. Psicol. USP, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 633-652, set. 2010.

MENDONÇA, T. C. P. (2005, dezembro). *As oficinas de saúde mental: relato de uma experiência de internação*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(4), 626-635. Recuperado em outubro de 2007.

NEUBARTH, Barbara Elisabeth. *No fim da Linha do Bonde, um Tapete Voador: a oficina de criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): Inventário de uma práxis*. Porto Alegre, 2009. Tese (doutorado) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PADUA, Flávia Helena Passos e MORAIS, Maria de Lima Salum e. *Oficinas expressivas: uma inclusão de singularidades*. Psicol. USP [online]. 2010, vol.21, n.2, pp. 457-478.

SOARES, Amanda Nathale; REINALDO, Amanda Márcia dos Santos. *Oficinas terapêuticas para hábitos de vida saudável: um relato de experiência*. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 391-398, junho, 2010.

SILVEIRA, Nise. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982.

SILVEIRA, Nise. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1992.

SILVEIRA, Nise. *Inumeráveis estados do ser*. Catálogo. Rio de Janeiro, 1987.

RAUTER, C. (1997) *Subjetividade, arte & clínica*. In A. Lancetti (Org.), *Saúdeloucura* (Vol. 6, pp. 109-119). São Paulo: Hucitec.

WEINREB, Mara E. *Arte e loucura: vida silenciosa e marginal*. Luiz Guedes / Mara E. Weinreb. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2012.